

## **CARTAS FONÉTICAS DO MUNICÍPIO DE PORTO ACRE**

*Daniele de França Nolasco* (UFAC)

[danielenolasco@hotmail.com](mailto:danielenolasco@hotmail.com)

*Antonieta Buriti de Souza Hosokawa* (UFAC)

[antonietaBuriti@ig.com.br](mailto:antonietaBuriti@ig.com.br)

### **1. Introdução**

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar os primeiros resultados das cartas fonéticas do município de Porto Acre, parte integrante do *Projeto Atlas Linguístico do Acre* – (ALiAc). Carta fonética ou carta linguística, para Coseriu (*apud* Brandão, 1991), é “um mapa no qual se registram em sua integridade fônica e morfológica as expressões concretamente comprovadas em cada ponto de inquérito”. O atlas linguístico é o conjunto de mapas, a carta fonética, portanto, é um desses mapas. A carta fonética abrange as realizações de um determinado som da língua em uma região delimitada. Enfim, ela funciona como uma fotografia da realidade linguística da região.

Os estudos dialetológicos são responsáveis pelo arrolamento, sistematização e interpretação das características dos falares. Como um de seus aportes teórico-metodológicos de pesquisa, emprega a Geolinguística – técnica que consiste na elaboração de atlas linguísticos, ou seja, os conjuntos de mapas que apresentam a distribuição, no espaço, de variantes linguísticas nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e/ou lexical, característicos de uma língua (CAMARA Jr., 1986).

Para corroborar essa afirmação, vale ressaltar uma importante definição de Coseriu (1982, p. 11-12):

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado à outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idi-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

oma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros dessa família ou constituem famílias menores dentro de uma família maior.

Diante de tais conceitos, podemos afirmar que há variedades *diatópicas*, *diastráticas* e *diafásicas*, e mais, podemos concluir ainda que dialeto não é pertinente apenas a variações regionais, havendo também dialetos sociais e, por analogia, dialetos estilísticos.

Por ser um subprojeto do ALiAC, o referido trabalho está inserido na perspectiva da dialetologia e da geolinguística, ciências cujo objetivo é apresentar especificidades (fonético, lexical, morfossintáticas e semântico) da língua através de atlas linguísticos. A pesquisa reveste-se de grande importância por sua contribuição para o processo de ensino da língua portuguesa nos níveis de ensino fundamental e médio ao mostrar as diversas variantes linguísticas locais.

Sabe-se que o precursor do trabalho para a elaboração de atlas linguístico no Brasil foi Nelson Rossi. Suas pesquisas tiveram início no ano de 1952, mas foram publicadas somente em 1963. Entre os primeiros trabalhos publicados por esse autor, consta *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (1963), o qual foi o precursor de diversos trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da geolinguística. Outros atlas foram desenvolvidos até o momento, podemos citar: *o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* (1977), por Mário Zagari; o *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* (1984), por Aragão e Menezes.

O primeiro *Atlas Linguístico do Sergipe – ALS* foi finalizado em 1973 e o segundo, *o Atlas Linguístico do Sergipe II – ALS II*, foi apresentado em 2002, esse estudo foi desenvolvido por Suzana Cardoso em sua tese de doutoramento. Para essa autora (2005, p. 116) o ALS II avançou na interpretação dos dados coletados, pois o comparando aos atlas anteriores, há muitas informações novas”. Dessa maneira, ela acredita ter desenvolvido um trabalho de "segunda geração".

Atualmente, vários foram os trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da geolinguística, incluindo os modernos atlas sonoros, como o do Pará. Dentre alguns atlas nacionais, já publicados, os três mais recentes são: *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA, 2004) organizado pelo Prof. Abdelhak Razky, sendo o primeiro atlas sonoro do país; *Atlas Linguístico do Amazonas* (2004); e o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS, 2007).

Neste subprojeto serão contempladas apenas as variações fonéticas na fala dos informantes da cidade de Porto Acre, ficando as variações lexicais e morfossintáticas para as próximas etapas do projeto principal. Elaboramos as cartas fonéticas desse município para identificar possíveis diferenças, que podem ser de cunho regional, social, cultural entre outros fatores, e situar essas diferenças (ou semelhanças) no âmbito da descrição da variante da língua portuguesa falada no município em relação às variantes do restante do estado do Acre e do Brasil.

Traçaremos então um breve perfil do município de Porto Acre, abordando seu contexto histórico e sua situação atual em nível de população e possíveis mudanças territoriais.

## **2. Porto acre: breve histórico**

A escolha de Porto Acre como um dos pontos de inquérito se deu pela importância histórica desse município no contexto acreano, primeiro por ter sediado, no início do século XX, repartições boliviana (Puerto Alonso) e brasileira (Porto Acre), e, segundo, pelo local ter servido de palco para sangrentas batalhas que culminaram com a incorporação do território acreano à nação brasileira, além disso, esse município faz parte da mesorregião do Vale do Rio Acre.

A cidade de Porto Acre foi fundada em 3 de janeiro de 1899 pelo ministro plenipotenciário José Paravicini, sob a égide do presidente da República da Bolívia, com o nome de Puerto Alonso.

Com a expulsão dos bolivianos e a proclamação, por Galvez, da República do Acre, o município passa a ser sede do governo e denominar-se Porto Acre. Porém, com a deposição e prisão de Galvez por ordem do presidente do Brasil, Sr. Campos Sales, retornam os bolivianos ao território e a cidade passa a ser denominada, novamente, Puerto Alonso.

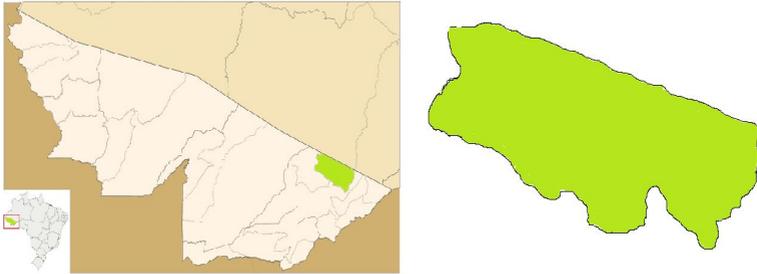
Em 24 de janeiro de 1903, com a rendição das tropas bolivianas, após uma sucessão de vitórias acreanas, Plácido de Castro ocupa definitivamente o povoado que passa a denominar-se Cidade do Acre, depois Porto Acre.

Ocupado por migrantes nordestinos no século XIX e tendo como atrativo a extração da borracha, o município de Porto Acre apresenta-se no contexto histórico do estado como marco na luta pela independência

de seu povo. O mesmo foi terreno da Revolução Acreana por se localizar, estrategicamente, na rota da borracha, via rio Acre. Foi sede da delegacia boliviana, denominado de Puerto Alonso, já mencionado anteriormente, e capital do estado independente proclamado por Luís Galvez Rodrigues de Arias.

Hoje, a cidade é apenas memória do que foi no passado, conta com uma população estimada de 14.880, sendo que apenas 1.982 habitantes vivem no núcleo urbano e 12.898 na zona rural. A cidade foi descentralizada com a possível criação do município que compreende a atual Vila do V, que é parte da zona rural de Porto Acre, local em que a agropecuária é um setor forte e a maioria da população reside. Com a criação do novo município Vila do V, com população estimada em 22 mil habitantes, boa parte das terras do município e parte da arrecadação serão retirados.

MAPA DO ACRE - PORTO ACRE



Mapa 1 – Município de Porto Acre

### 3. *Objetivos*

O objetivo geral dessa pesquisa é contribuir para a descrição do falar acreano por meio da elaboração das cartas fonéticas referentes ao município de Porto Acre. Especificamente, nossa meta consiste na organização de um *corpus* fonético da localidade em estudo.

### 4. *Material e método*

O Projeto ALiAC está vinculado ao Projeto ALiB, portanto seguirá a metodologia deste. Sendo assim, existem algumas etapas a serem seguidas, as quais destacaremos a seguir.

#### **4.1. Pesquisa bibliográfica**

Para enriquecimento do trabalho, fizemos leituras e pesquisamos sobre alguns atlas linguísticos tanto internacionais (especialmente aqueles que cobrem áreas de línguas românicas) como nacionais.

Em função das diferentes tendências que se delineiam, atualmente, para a metodologia da pesquisa dialetal, estudamos sobre a dialetologia e, especificamente, geolinguística. Também nos basearemos nos postulados da linguística geral, pelo amplo aporte que oferece aos diversos níveis de abordagem no âmbito das pesquisas dialetais.

Para desenvolver essa pesquisa nos baseamos também, em descrições/análises fonético-fonológicas de falares do português brasileiro, por possibilitarem uma melhor compreensão e interpretação dos dados.

#### **4.2. Delimitação do corpus**

O *corpus* desta parte do *Atlas Linguístico do Acre* será constituído por materiais sonoros resultantes da recolha de dados no município de Porto Acre. Serão 4 informantes.

#### **4.3. Informantes**

A seleção dos informantes obedeceu aos critérios tradicionais e foi feita a partir dos seguintes:

4.3.1. *Variação regional ou diatópica*: os informantes devem ser naturais da localidade linguística pesquisada, devendo não ter daí se afastado por mais de um terço de suas vidas. Seus pais, preferencialmente, devem ser da mesma localidade linguística que eles.

4.3.2. *Variação diastrática ou social*:

a) *Variação diageracional* – foram selecionados informantes de duas faixas etárias: faixa I, de 18 a 30 anos e faixa II de 45 a 60 anos.

b) *Variação diassexual ou diagenérica* – os informantes distribuem-se igualmente nos dois gêneros.

c) *Escolaridade* – os indivíduos eram alfabetizados ou tinham cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental.

O processo para a seleção dos informantes foi um pouco longo, pois na região em que realizamos a pesquisa, Vila do V (vila pertencente ao município de Porto Acre, fundada por motivo de assentamento), grande parte da população pertencia a outros estados. E quando pensávamos ter encontrado algum informante, suas características estavam em desacordo com os pré-requisitos da pesquisa; ou o informante havia ingressado no segundo segmento do ensino fundamental ou tinha a idade inferior a dezoito anos; ou não era natural do município em tela. Este último fator foi o principal empecilho para a escolha dos informantes, pois mesmo morando há muito tempo na região, eram naturais de outro município. Além disso, foi necessário flexibilizar o critério no que diz respeito à naturalidade dos pais dos informantes, tendo em vista que grande parte da população da localidade em estudo era natural de outros municípios acreanos, ou de outros pontos do país, sobretudo do Amazonas, de Minas Gerais e Paraná.

Assim, achou-se conveniente aplicar o questionário a informantes que poderiam ser oriundos de outra localidade, desde que tivessem vindo morar na comunidade com menos de 5 anos de idade.

A experiência acima relatada e a consequente flexibilização do critério de naturalidade demonstram ser necessário repensar os critérios de naturalidade que presidem a escolha de informante em áreas de fluxo migratório, tendo em vista que o Estado do Acre possui grandes influências de outros estados por causa, principalmente, do ciclo da borracha.

#### **4.4. Pesquisa de campo**

Para a pesquisa de campo foram utilizados, como instrumentos de pesquisa, as fichas de localidade, as fichas de informantes e os questionários do ALiB (o semântico-lexical (QSL) e o fonético-fonológico, (QFF) e o morfossintático).

#### **4.5. Organização técnica do material**

A coleta dos materiais de campo foi feita por meio de gravação de dados em gravador digital e em *notebook*. Também dispomos de um registro escrito com informações sobre informantes e localidades em fichas específicas para cada um dos casos.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A ficha do informante objetivou não só identificar o falante alvo da gravação, mas também situá-lo sociolinguisticamente. A ficha da localidade, por sua vez, tem como objetivo descrever a realidade da área pesquisada visto que a mesma contém dados que permitem o estabelecimento de relações necessárias à interpretação dos fatos linguísticos.

A gravação de dados foi feita *in loco* e diretamente a cada um dos informantes. Após as gravações, os dados foram submetidos ao processo de transcrição<sup>1</sup> grafemática e fonética, onde optou-se pelo Internacional Phonetic Alphabet – IPA 93.

Todos os materiais de campo foram arquivados, obedecendo a um rigoroso processo de identificação e catalogação, de forma a garantir o acesso imediato e seguro para análise e consulta, seguindo os modelos do ALiB.

Após a coleta de dados, transcrição grafemática e transcrição fonética, as cartas fonéticas foram elaboradas utilizando-se *software* específico em CD áudio.

### **5. Resultados e discussões**

Obedecendo à construção das cartas fonéticas, foi transcrito o questionário fonético-fonológico, composto por 159 questões. Para a construção das cartas, escolheu-se analisar o alicamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ a partir das respostas obtidas. Segundo Faria (2008), alicamento “caracteriza-se pela modificação do traço [- alto] para [+ alto] nas vogais médias pretônicas /e/ e /o/, que se realizam como vogais altas [i] e [u]: (m/e/nino ~ m[i]nino; c/o/ruja ~ c[u]ruja)”. Uma das explicações desse alicamento, segundo Bisol (1981), se dá “pelo processo de harmonia vocálica, ou seja, a vogal média alta pretônica se eleva pela busca de uma harmonia entre ela e a vogal da posição tônica”. Faria (2008) afirma que a variação das vogais médias pretônicas é um fato linguístico importante para a diferenciação das diversas áreas dialetais do português, bem como para a descrição do sistema vocálico da língua portuguesa do Brasil.

---

<sup>1</sup> Transcrições feitas sob a orientação do Prof. Ms. Shelton Lima, o qual somos imensamente gratos pela disponibilidade e paciência em nortear nossa pesquisa, dando suas valiosas sugestões.

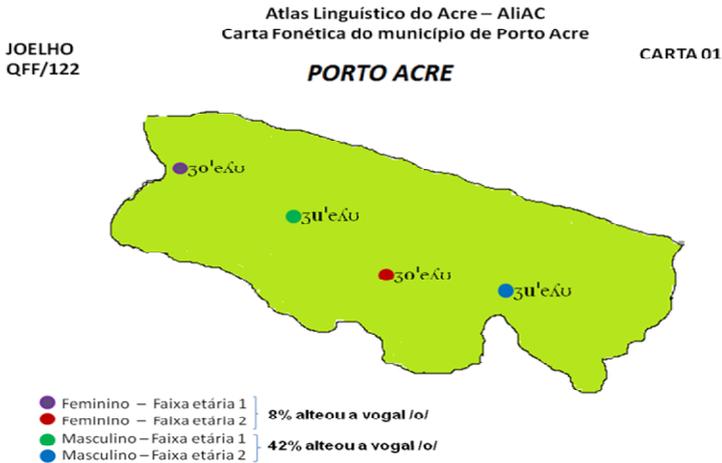
Dentre as 159 questões de *corpus*, 19 palavras apresentam /e/ e /o/ em posição pretônica. Sendo que e 04 informantes, tivemos 76<sup>1</sup> possibilidades de alicamento. Terminadas as transcrições, concluímos que os dados apresentam variações tanto diassexuais como diageracionais, porém iremos aqui discutir a variação diassexual, esta que ocorreu com mais frequência.

Vale ressaltar que certas produções fugiram de algumas tendências, tendo em vista que intermediaram bastante as vogais /o/ e /e/.

A seguir esboçaremos alguns exemplos de cartas, estas que obedecem ao seguinte esquema:

Faixa 1 (18 a 30) —> Masculino (19 anos)/Feminino (18 anos)

Faixa 2 (45 a 60) —> Masculino (58 anos)/Feminino (53 anos)

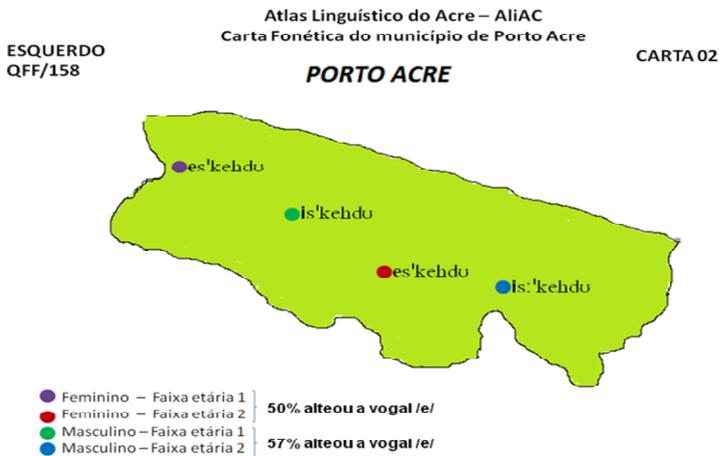


Na carta nº 01, os informantes de “faixa etária 01 e 02 – masculino” alteiam genuinamente a vogal /o/, os demais, do gênero feminino, permanecem na pronúncia [ʒo¹eʎu]. Com base nesse exemplo, analisou-se de modo geral que do gênero feminino 8% alteou a vogal pretônica. Já em se tratando do gênero masculino, 42% alteou a vogal. Chegando à conclusão de que o gênero masculino teve maior percentual de alicamento

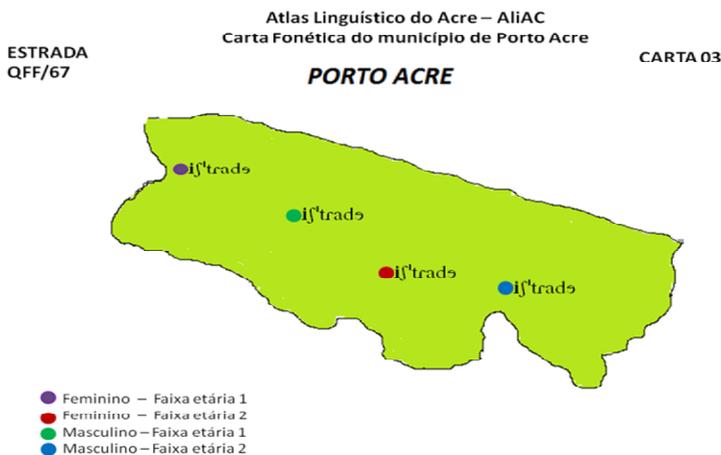
<sup>1</sup> cábulos de /e/ - 7x4 = 28 produções; 12 vocábulos de /o/ - 12x4 = 48 produções

da mesma. Sendo assim, a variação diasssexual pode ser justificada pelo fato de as mulheres serem mais cautelosas na sua fala.

Levando em conta o alçamento vogal [e], percebemos na carta n° 02 que 50% do gênero “feminino” e 57% do “masculino” altearam a vogal.



Na carta n° 03, ainda se tratando da vogal /e/, há um exemplo em que *todos* os informantes altearam a vogal, pronunciando [i]ʰtradɔ ao invés de [estrada]:



Observando-se os dados, percebemos que o informante “feminino – faixa etária 02” produziu algumas vogais médias, representadas na carta n.º 04, em um nível intermediário entre [e] e [i] e entre [o] e [u]. Discutiremos esse caso em um trabalho subsequente.



Enfim, vale ressaltar que os dados expostos acima e os demais arquivados podem dar continuidade ao trabalho através de outras hipóteses, pois as produções são ricas em diversidade.

## 6. Considerações finais

Em suma, esperamos, a partir dos dados coletados, contribuir para o entendimento da língua portuguesa e suas diversas variantes, eliminando ou, pelo menos, atenuando visões distorcidas que privilegiam a variante padrão e fustigam as demais, uma forma de preconceito linguístico.

Espera-se, também, fomentar pesquisas dos estudantes dos cursos de graduação e, ainda, investigação aprofundada dos estudantes de pós-graduação.

Nosso objetivo, na verdade, é que as cartas fonéticas de Porto Acre e, posteriormente, o *Atlas Linguístico do Acre*, sirvam de instrumento de, por um lado, preservação e, por outro, de difusão da cultura deste Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, L.. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRANDÃO, S. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

COSERIU, Eugenio. *Sentidos y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas/Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

DEBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

MOTA, Jacyra. A dialetologia na Bahia. In: AGUILERA, V de A. *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: UEL, 2005.

SANTOS, Irenilde Pereira dos; SILVA, M<sup>a</sup> do P. Socorro Cardoso. *Estudo semântico com vistas ao Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó / Pará*. São Paulo: Dedalus, 2002.

FARIA, Vanessa Viana. *As vogais médias pré-tônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística*. Belo Horizonte, 2008.

PORTO Acre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto\\_Acre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Acre)>. *Censo Populacional 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (29 de novembro de 2010). Página visitada em 20/06/2011

<http://biblioteca.ibge.gov.br>. Página visitada em 05/07/2011

<http://www.ibge.gov.br/>. Página visitada em 14/07/2011

**ANEXOS**

**Transcrições do questionário fonético-fonológico (QFF)  
– questões de possíveis alçamentos das vogais pré-tônicas /e/ e /o/**

| <b>Vogal Pré-Tônica /e/</b> | <b>Faixa 1<br/>Feminino</b> | <b>Faixa 1<br/>Masculino</b> | <b>Faixa 2<br/>Feminino</b> | <b>Faixa 2<br/>Masculino</b> |
|-----------------------------|-----------------------------|------------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| QFF 6 – TESOURA             | te'zo:ra                    | tʃi'zo:rə                    | te'zorə                     | te'zowrə                     |
| QFF 29 – CEBOLA             | se'boɫə                     | se'boɫə                      | se'boɫə                     | si'boɫə                      |
| QFF 67 – ESTRADA            | iʃ'tradə                    | iʃ'tradə                     | iʃ'tradə                    | iʃ'tradə                     |
| QFF 81 – EMPREGO            | ĩ'pregu                     | ĩ'pregu                      | ĩ'pregu                     | ĩ'pregu                      |
| QFF 84 – ESCOLA             | is'koɫə                     | es'koɫə                      | is'koɫə                     | is'koɫə                      |
| QFF 151 – ENCONTRAR         | ẽkõ'tra                     | ẽkõ'tra                      | ĩkõ'tra                     | ẽkõ'tra                      |
| QFF 158 – ESQUERDO          | es'kehdu                    | is'kehdu                     | es'kehdu                    | is'kehdu                     |

| <b>Vogal Pré-Tônica /o/</b> | <b>Faixa 1<br/>Feminino</b> | <b>Faixa 1<br/>Masculino</b> | <b>Faixa 2<br/>Feminino</b> | <b>Faixa 2<br/>Masculino</b> |
|-----------------------------|-----------------------------|------------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| QFF 25 – COLHER             | ko'ʎe                       | ko'ʎe                        | ko'ʎe                       | ko'ʎe                        |
| QFF 30 – TOMATE             | to'matʃi                    | to'matʃi                     | to'matʃi                    | tu'matʃi                     |
| QFF 36 – BOTAR              | bõ'ta                       | bõ'ta                        | bõ'ta:                      | bõ'ta                        |
| QFF 41 – OVELHA             | o'veʎə                      | o'veʎə                       | o'veʎə                      | u'veʎə                       |
| QFF 46 – BORBOLETA          | bobo'ʎeta                   | bobo'ʎeta                    | bobo'ʎeta                   | babu'ʎeta                    |
| QFF 87 – BORRACHA           | bo'hafə                     | bo'hafə                      | bo'hafə                     | bu'hafə                      |
| QFF 100 – COMPANHEIRO       | kõpə'ɲeru                   | kõpə'ɲeru                    | kõpə'ɲeru                   | kũpə'ɲeru                    |
| QFF 104 – INOCENTE          | inõ'setʃi                   | inõ'setʃi                    | inõ'setʃi                   | inõ'setʃi                    |
| QFF 114 – ORELHA            | o'reʎə                      | o'reʎə                       | o'reʎə                      | u'reʎə                       |
| QFF 122 – JOELHO            | ʒo'eʎu                      | ʒu'eʎu                       | ʒo'eʎu                      | ʒu'eʎu                       |
| QFF 148 – DORMINDO          | doh'mĩdu                    | doh'mĩdu                     | doh'mĩdu                    | doh'mĩnu                     |
| QFF 149 – ASSOPIO           | aso'biw                     | aso'bia                      | so'vio                      | asu'viw                      |